

José Carlos Corrêa

Escreve aos sábados neste espaço

E-mail: jccorrea@reddegazeta.com.br

/// Que o rio, mesmo que não recupere toda a vazão do passado, tenha o seu processo de degradação interrompido, antes que seja tarde demais

O drama do Rio Doce

Leonel Ximenes, na coluna “Victor Hugo”, publica o alerta do engenheiro florestal Henrique Lobo que, há 30 anos, estuda a Bacia do Rio Doce: o rio “vai virar um fio de água e muitos dos rios que o abastecem serão intermitentes”. A vazão do rio, que chegou a ser de 4 mil m², hoje não passa de 110 m³.

A notícia foi motivada pelo anúncio de que os governadores Renato Casagrande e Antônio Anastasia vão assinar, no próximo sábado, em Pedra Azul, um protocolo que prevê o compromisso de revitalizar a Bacia do Rio Doce. O protocolo é uma iniciativa do Ibio, ONG que atua na melhoria da qualidade ambiental.

É pena que o protocolo não seja assinado às margens do Doce, nos limites dos dois Estados – entre Aimorés e Baixo Guandu – para que todos os presentes pudessem testemunhar os estragos cometidos por décadas de devastação da cobertura vegetal, degradação das nascentes, ocupações irregulares e despejo de lixo e esgoto sem tratamento.

Em Aimorés, Casagrande e Anastasia poderiam visitar o Instituto Terra, o melhor exemplo de que é possível, em plena aridez do Vale do Rio Doce, dar chances para que a natureza recupere

boa parte do seu esplendor do passado. Criado em 1998, o Instituto transformou uma antiga fazenda de gado em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural, hoje totalmente reflorestada e que pode exibir nascentes que voltaram a jorrar água e dezenas de espécies da fauna brasileira que estavam praticamente extintas na região.

Em poucos quilômetros os governadores poderiam ver, também, o trabalho que o Instituto faz de proteção das nascentes em pequenas propriedades rurais do Rio Guandu – parte do programa Olhos D’Água que já recuperou 600 nascentes de afluentes do Rio Doce. E poderiam constatar, também, pelo incêndio que destruiu 40% da reserva de Itapina no último domingo – área que estava sendo reflorestada pelo Terra –, que a proteção ao Rio Doce não pode deixar de estar entre as prioridades dos dois Estados.

Quem, como eu, vivenciou a pujança dos bons tempos do Rio Doce, em que a pesca era farta e os robalos e as lagostas eram enormes e a atração principal dos dias de festa, torce para que a iniciativa dos governos capixaba e mineiro e do Ibio – que tem na sua direção, entre outros, a Lorentzen Empreendimentos, a Petrobras, a Veracel, a Usiminas, a Cenibra e a Fibria – traga os resultados que todos almejamos: que o Rio Doce, mesmo que não recupere toda a vazão do passado, tenha o seu processo de degradação interrompido, antes que seja tarde demais, para que não se consuma a triste e realista previsão de Henrique Lobo.